

fátima terra de fé

1943 . PT . 101'

realização e montagem

Jorge Brum do Canto

produção

Filmes Portugueses César de Sá

director de produção

José César de Sá

argumento

Mello e Alvim

planificação

Jorge Brum do Canto

José César de Sá

fotografia

José César de Sá

música

Jaime Mendes

canções

Coros do Orfeão da Casa Pia

actores

Barreto Poeira {Dr. Silveira}

Graça Maria {Madalena}

Oliveira Martins {Dr. Fernando de Meneses}

Maria Alvarez {D. Maria Antónia}

Manuel Correia {Frei Manuel}

Teresa Gomes {Bárbara}

Armando Chagas {José Augusto}

Maria Lalande {Mãe de Carlos Manuel}

Igrejas Caeiro {Gerente do Hotel}

António M. Lopes {Professor de equitação}

Celeste Leitão {Religiosa}

António Palma {Dr. Furtado}

Abílio Morgado {Mordomo}

José Castilho {Reitor da Universidade}

Beatriz de Almeida {Directora

do "Ninho dos Pequenos"}



> Tendo abandonado a família, por incompatibilidade religiosa, o Dr. Silveira instalara-se em Coimbra, onde se dedica aos doentes, baldando-se todos os esforços para uma desejada reconciliação, apesar da intervenção do Dr. Meneses, seu assistente e noivo da filha, Madalena, ou do antigo capelão-mor do solar. Após uma série de adversidades, que o fazem perder a própria cátedra universitária, o Dr. Silveira debate-se entre a fé, a ciência, o orgulho e o amor paterno, quando o filho, José Augusto, é vítima dum acidente de equitação. No espectáculo de Fátima, assistir-se-á ao entrecrocamento dessas interrogações, e enfim ao milagre... [Matos-Cruz]

Embora «Fátima, Terra de Fé» tenha sido realizado num período do cinema português que ficou caracterizado pela marca dos actores (actores vindos do teatro de revista, mas também da rádio, do fado e das touradas), as cedências dos cineastas portugueses não se terão ficado apenas por aqui. No caso concreto de «Fátima, Terra de Fé», Brum do Canto limitou-se a vender os seus conhecimentos técnicos ao produtor César de Sá. Deste modo, o realizador foi apenas mais um dos técnicos contratados para executar um filme feito a pensar num êxito de bilheteira à custa da exploração do fenómeno Fátima e do caso, tão badalado na imprensa da época, da «conversão» de Bissai Barreto, famoso médico de Coimbra. Brum do Canto irá ainda «alinhar» com César de Sá num esquema idêntico em «Um Homem às Direitas» (1945). Uma verdadeira lástima.

César de Sá (um dos bons directores de fotografia do cinema português que, nessa qualidade, realizou umas três dezenas de filmes documentário) passou algum tempo nos Estados Unidos, em Hollywood. No regresso, tentou aplicar o modelo seguido pelas grandes produtoras americanas nos filmes de ficção que decidiu produzir. Felizmente, apenas produziu as duas longas-metragens realizadas por Brum do Canto, que aqui se mencionam.

Embora cumprindo uma tarefa encomendada, Brum do Canto trabalha com gosto um tema que lhe é querido, o da religiosidade. Se a cena do «milagre» é apresentado como clímax do filme, numa perfeita articulação de planos em que Brum do Canto explora, com mestria, técnicas específicas para provocar emoções no espectador, no entanto, o

realizador dedica uma atenção muito especial ao momento crucial do conflito interior que o médico trava entre a ciência e a fé. Fá-lo em termos visuais (muito mais eloquentes do que a argumentação estúpida presente nos diálogos entre o médico ateu e o frade). A caixilharia da porta da varanda da enfermaria do hospital desenha a forma de uma cruz. Um relâmpago ilumina a janela e a forma da cruz adquire grande intensidade plástica, em mais um momento que contribui para alimentar o chamado «esteticismo» de Brum do Canto. Depois desse espectacular contra luz, o médico coloca uma questão em voz alta: « – Mas o que é a fé? » – Como resposta obtém o magnífico ribombar de um trovão. De fora de campo vai chegando a voz de uma freira e novo relâmpago faz projectar na parede do quarto a sombra da cruz, de forma dramática e intensificada ainda pelo ribombar de um novo trovão monumental. Como muitos outros realizadores seus contemporâneos, Brum do Canto não perde uma oportunidade para se agarrar ao sinal da cruz. Neste aspecto particular, os realizadores portugueses estavam perfeitamente integrados no espírito da religião oficial do regime e serviram de acólitos nesta cruzada nacional. Também os cineastas portugueses ajudaram a fazer os dias assim. Nestes termos, mesmo um mau filme com «Fátima, terra de fé» pode ser visto como um precioso documento do nosso passado recente.

Contudo, fala-se de uma idade de ouro do cinema português a propósito dos filmes dos anos 30 e 40. É uma ideia muito discutível que se apoia em meia dúzia de comédias e em meia dúzia de excelentes actores. «Fátima, Terra de Fé» é apresentado na Cinubiteca, a treze de Maio, como um exemplo de outro tipo de filmes dos «célebres» anos 40, um dramalhão que nada tem de dourado. É um dos piores filmes com a assinatura de Brum do Canto. Estando o país a poucos dias do início da febre do europeu de futebol, esperamos que não nos acusem de estarmos a dar ideias a novos Césares de Sá nacionais (a lei já está aí para os apoiar...) e de estarmos a contribuir para a reedição de uma versão pós-moderna da política dos três efes. «Fogo! ... nós até detestamos o Fado». <

*{ Programação da responsabilidade de Frederico Lopes }

exibição

13 | maio | 04

17h00

cinubiteca

{anf.1}